



## A Humildade



A humildade bíblica é, em primeiro lugar, a modéstia que se opõe à vaidade. Sem pretensão insensata, o modesto não confia na sua própria opinião. A humildade, que se opõe à soberba, está num nível mais profundo que a modéstia; é a atitude da criatura pecadora diante de Deus Onipotente e Santíssimo: o humilde reconhece que recebeu de Deus tudo que tem. De si mesmo ele nada é, a não ser um pecador. A este humilde

que se abre à Sua graça, Deus há de glorificar.

Incomparavelmente mais profunda ainda é a humildade de Cristo que, por Sua humilhação, nos salva e convida Seus discípulos a servirem aos irmãos por amor, a fim de que Deus seja glorificado em todos.

**A Humildade do Povo de Deus:** Israel aprende a humildade, em primeiro lugar, experimentando a onipotência do Deus que o salva e que é o único Altíssimo. Israel conserva viva essa experiência, comemorando os feitos de Deus em seu culto; este culto é uma escola de humildade; louvando e dando graças, o Israelita imita a humildade de Davi a dançar diante da arca, para glorificar a Deus a quem ele tudo deve.

Israel experimentou também a pobreza na provação coletiva da derrota e do exílio ou na provação individual da doença e da opressão dos fracos. Tais humilhações fizeram-no tomar consciência da fraqueza congênita da pessoa humana e da miséria do pecador que se separa de Deus.

**A Humildade do Filho de Deus:** Jesus é o Messias humilde anunciado por Zacarias. É o Messias dos humildes, aos quais proclama “bem-aventurados”. Jesus abençoa as crianças e as apresenta como modelos. Para se tornar um desses pequeninos, a quem Deus se revela e que serão os únicos a entrar no Reino, é preciso entrar na escola de Cristo, Mestre manso e humilde de coração. Ora, esse Mestre não é apenas um homem; é o Senhor que veio salvar os pecadores, assumindo uma carne semelhante à deles. Longe de procurar a Sua própria glória, Ele se humilha a ponto de lavar os pés dos Seus discípulos; Ele, o igual a Deus, se aniquila a ponto de morrer na cruz por nossa redenção. Em Jesus se revela não só o poder divino, sem o qual não existiríamos, mas a caridade divina sem a qual estaríamos perdidos.

Essa humildade é a do Filho de Deus, a da caridade. É preciso seguir o caminho desta humildade nova, para cumprir o mandamento novo da caridade. A humildade está unida também à fé, pois ambas são atitudes de abertura para Deus, de submissão confiante em Sua graça e na Sua Palavra.

**A Obra de Deus nos humildes:** Deus olha os humildes e a eles se inclina; pois eles não se gloriam senão da própria fraqueza, e se abrem ao poder da sua graça, que neles não é estéril. O humilde não só alcança o perdão de seus pecados, mas a sabedoria do Onipotente gosta de se manifestar por meio dos humildes que o mundo despreza. Que humildade naquele que o Senhor envia para preparar o Seu caminho e que não tem outro desejo senão o de se eclipsar!

Em Lucas 1, 38.43, percebemos que é de uma humildade a Virgem Maria, que não quer ser senão a Sua serva, que Deus faz a Mãe de Seu Filho.

Aquele que na provação se humilha sob a mão do Onipotente (1Pd 5,6s), do Deus de toda graça e que comunga das

humilhações de Cristo crucificado será, como Jesus, exaltado por Deus, no momento dado, e participará da glória do Filho de Deus (isto nos testemunha também o Evangelho de Mateus). Com todos os humildes ele há de cantar eternamente a santidade e o amor do Senhor que nele fez grandes coisas.

No Antigo Testamento, a Palavra de Deus conduz o homem à glória pelo caminho da humilde submissão a Deus, seu criador e salvador. No Novo Testamento, a Palavra de Deus se faz carne, para levar o homem ao cume da humildade, que consiste em servir a Deus nas pessoas, em se humilhar por amor, para glorificar a Deus, salvando os seres humanos.

Em uma das obras de Santo Agostinho, ele nos mostra os caminhos para se chegar à Verdade que é Deus. Eis o texto: “Se me perguntassem qual é o primeiro caminho para se chegar à verdade, eu diria que é a humildade; se me perguntassem qual seria o segundo, eu responderia que também é a humildade; se me perguntassem qual é o terceiro, eu ainda diria que é a humildade!”.

Ser-nos-ia bastante frutuoso buscar sempre tomar um banho de humildade nas águas do Evangelho e dizer com Santo Isidoro de Sevilha: *“Eis-nos aqui, Espírito Santo! Eis-nos aqui, frágeis por causa do pecado, mas fortes pela comunhão em Vosso nome! Vinde até nós e ficai conosco! Dignai-Vos purificar os nossos corações! Ensinai-nos como agir, para onde caminhar e mostrai-nos o que devemos fazer para que, com Vosso auxílio, possamos agradecer-Vos em tudo! Sede o vivificador, o conselheiro e a luz de nossos juízos, Vós que com Deus Pai e com Seu Filho possuís um Nome Glorioso; não nos deixeis deturpar a justiça, Vós que amais a suprema equidade; que a ignorância não nos arraste para o mal; que o interesse pessoal não nos dobre; que motivos humanos e a acepção de pessoas não nos corrompam. Uni-nos eficazmente pelo dom permanente de Vossa graça, para que sejamos um só coração e uma só alma em Vós e não nos desviemos em nada do verdadeiro, para que na comunhão em Vosso Nome, assim também guardemos justiça em todas as coisas, com a moderação da piedade para que, aqui, as nossas decisões em nada divirjam de Vós e, no futuro, pela abertura de coração e por Vossa graça, consigamos os prêmios eternos. Amém”.* (Oração atribuída a Santo Isidoro de Sevilha)

Não há santo sem passado, não há pecador sem futuro! *“Vem, então, Senhor Jesus, procura o Teu servo, busca a Tua ovelha enfraquecida. Vem, Pastor, procura, como José procurava as ovelhas. Andava por aí errante a Tua ovelha, enquanto Tu tardavas, enquanto te entretinhas pelos montes. Deixa de lado as tuas noventa e nove ovelhas e vem procurar aquela que saiu por aí vagando. Vem sem cães, vem sem rudes empregados, vem sem o mercenário que não sabe passar através da porta. Vem sem ajudante, sem intermediários, pois já faz tempo que estou esperando a Tua vinda. Sei que vens vindo, se é verdade que não esqueci os Teus mandamentos. Vem, mas sem bastão; vem, contudo, com amor e atitude de clemência.”* (Ambrósio, Commento al Salmo 118,22,28; PL 15,1599)

Estamos unidos num verdadeiro hino de louvor e gratidão ao Senhor, “Humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, para que na ocasião própria vos exalte; lançai sobre Ele toda a vossa preocupação, porque é Ele que cuida de vós” (1Pd 5, 6s). O Senhor conta conosco! Dilatemos nosso coração ao Espírito Santo de Deus, para escolher, para pautar a nossa conduta, A HUMILDADE!

*Padre Paulo Dionê Quintão - Pároco*

## Cantinho Amigo

Da: Paróquia Santa Rita  
Para: Paroquianos

Em tempos de pandemia, somos desafiados a construir uma Feliz Páscoa, capaz de revigorar nossas forças, por meio da nossa total confiança em Cristo Ressuscitado.

Passos firmes e decididos, sabemos em quem depositamos nossa esperança. Cristo não nos decepciona!

É tempo de cuidar uns dos outros, para curar as dores da alma com o bálsamo da fé.

Feliz Páscoa!!!

## Agenda

- 1 - Missa da Ceia do Senhor: Santuário Santa Rita de Cássia, 18h
  - 2 - Sexta-feira da Paixão do Senhor:  
Sermão das Sete Palavras, às 12h; Ação Litúrgica, às 15 horas
  - 3 - Sábado Santo: Solene Vigília Pascal, às 18 horas
  - 4 - Domingo da Ressurreição: Missas às 10h e 18h, no Santuário
  - 11 - Domingo da Divina Misericórdia
  - 18 - Ano Jubilar de Ouro Sacerdotal: Padre José Cassimiro Sobrinho
  - 24 a 27 - Tríduo e Festa de Santa Zita: Santuário Santa Rita de Cássia
- Observação: Por conta da Pandemia, as celebrações ocorrerão no formato on-line.**

## NA CASA DO PAI

Afonso Reis  
Alex da Silva Antônio  
Altamiro Neves Neto  
Ana Luzia Poleska  
Ana Paula Polesca  
Angelina Maria E. de Souza  
Antônio José Ferreira  
Cecy Pitta Vianna  
Cesarina Lopes de Faria  
Divino Abranches  
Edson Gomes Pereira (Sr. Sônio)  
Eugênio de Souza Silva  
Expedito dos Reis Campos  
Fabiano Balbino dos Santos  
Flávio Gonçalves Ferreira  
Geraldo dos Reis Dantas  
Gilberto Camilo de Jesus  
João Evangelista dos Santos  
João Santana Martins  
João Viana da Silva  
Joel de Freitas Gomide  
José Barbosa da Silveira Silva  
José Carlos Braga  
José Luca da Rocha  
José Maria Sena Castro  
Lucas Lucrécio Brandão

Luiza Luciana Braga  
Luzia Gonçalves de Melo  
Márcio Antônio Ribeiro  
Maria Antônia O. de Mello  
Maria Aparecida da Silva  
Maria Auxiliadora da S. Araújo  
Maria José de Arruda Venâncio  
Maria Madalena Lima Viana  
Maria Otávia Guarda  
Maria Sabina dos Santos Sena  
Marieta do Carmo Santos  
Marli Antunes S. Rodrigues  
Myriam Trossero  
Olmira Gomes  
Pedro Paulo Alves  
Petrônio Pacheco Fonseca  
Raul Gomes Moreira  
Roberto Alves Martins  
Rosiane Carvalho  
Sebastião Aloísio Pereira  
Sebastião Santos  
Sirlei Carvalhu  
Valdomiro Pacheco Fialho  
Vicente Gabriel da Silva  
Vinícius Arnaldo da S. Santos  
Wilson Aparecido dos Santos

## Como obter a vida eterna

Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho\*

Eis a questão que um jovem rico apresentou a Jesus: "Que devo fazer para obter a vida eterna?" (Mc 10, 17-2). Ele observava os mandamentos, mas, no seu caso específico, cumpria-lhe se desfazer de seus bens, vendendo-os e dando tudo aos pobres. O Apóstolo Pedro por sua vez disse a Jesus que eles, os apóstolos, tinham deixado tudo para O seguirem. Cristo lhes afiançou uma grande recompensa nesta vida, apesar dos sofrimentos, e no futuro, a vida eterna (Mc 10 27-30). O cerne da mensagem de Cristo, válida para todos os cristãos, contida nessas Suas respostas, era o desapego dos bens materiais. Ele não estava estabelecendo norma universal para todos que o seguissem. Não queria dizer que cada fiel teria o mesmo apelo e a mesma vocação. Com efeito, a relação do cristão quanto às riquezas, à família, à sociedade, variaria segundo sua missão dada por Deus. Uma é a vocação daqueles que fazem votos de pobreza absoluta; outra, a de um chefe de família e do profissional nas mais diversas profissões.



A todos seria indistintamente necessário não endeusar a riqueza, os bens materiais em si mesmos. O Concílio Vaticano II ensinou, com razão, que a vocação à santidade é universal e que ela pode se realizar, seja qual for a situação de cada um neste mundo. Está claro no capítulo quinto da Constituição sobre a Igreja, promulgada em 1964: "Todos os fiéis, portanto, se santificarão mais, cada dia na sua condição, nos deveres de seu estado ou nas circunstâncias de sua vida [...] com a condição de tudo acolher com fé, da mão do Pai celeste, e de cooperar com a vontade divina, manifestando a todos no cumprimento de sua tarefa temporal o amor com que Deus amou o mundo". O apelo de Jesus ao desapego e à radicalidade, exigida do homem rico e dos apóstolos, tratava-se de um ideal que não podia se separar da vocação particular que o próprio Deus confiaria a cada um neste mundo e nas circunstâncias peculiares do exercício desta vocação. O principal seria nunca endeusar a fortuna ou qualquer bem material. Grande a responsabilidade com que a vocação pessoal deve ser exercida, mas tendo sempre o foco na vida eterna a ser alcançada com as boas obras, na observância total dos dez mandamentos.

A todos, porém, Ele diz "Vem e segue-me", seja qual for a vocação de cada um. Deveria em qualquer caso haver uma observância total, sem exceção, de tudo que Ele ensinou como condição para entrar na vida eterna. É preciso que o seguidor de Cristo examine sempre como tem sido fiel ao Evangelho, tomando a cruz de cada dia e seguindo os passos do Mestre divino. O cristão deve ser realista, vivendo em plenitude o ideal estabelecido pelo Filho de Deus, cuidando seriamente de sua salvação eterna. Todos conscientes de que tudo passa neste mundo e não se deve apegar a nada que é passageiro e transitório. Cumprir com os deveres de cada dia com muito amor a Deus e ao próximo numa visão espiritual consistente, numa evangelização constante por palavras e ações. Cuidar da própria salvação eterna aqui e agora. Agir com sabedoria cristã em tudo e examinar se as intenções são sempre retas no pensar, no falar e no agir. Ser incondicionalmente cristão sem restrições, afastando tudo que impeça seguir de fato a Cristo. Seguir continuamente as boas inspirações do Espírito Santo que levam ao aperfeiçoamento espiritual.

Por vezes, precisamos nos desinstalar de nossos hábitos meramente humanos e modificar o sistema de vida por causa dos bens futuros. É preciso ao cristão viver intensamente as oito Bem-aventuranças e todos os conselhos legados por Jesus no Evangelho. É imprescindível, muitas vezes, a mortificação diante de um conforto inútil, de exigências tolas de uma cultura moldada pelos meios de comunicação social. Ter independência da manipulação da mídia, para ater-se a um esquema santificador que valoriza a existência de cada um para a eternidade. Coração aberto para as misérias do próximo, sem jamais fechá-lo para as inspirações vindas de Deus. Jesus dirá que o caminho que leva à vida eterna é estreito, isento de ilusões terrenas, de prazeres condenáveis e de uma autonomia desenfreada. A todos, portanto, é possível ser santos, pois Jesus afirmou: "Para Deus nada é impossível".

\*Professor no Seminário de Mariana durante 40 anos

## SEMEANDO

santuariosrc@tdnet.com.br  
santarita\_vicosa@yahoo.com.br  
www.facebook.com/paroquiasantaritavicosa  
Site:www.santaritavicosa.com.br  
Secretaria Paroquial  
Praça Silviano Brandão, s/n - Tel.: 3891-5191  
Rua Benjamim Araújo, 28 - Tel.: 3891-1266

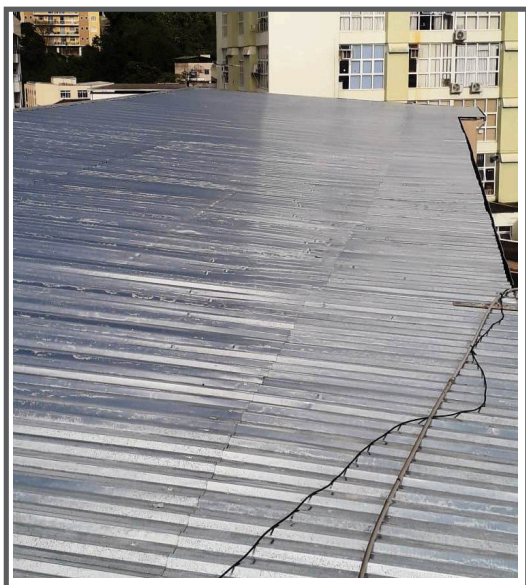
### Equipe:

Eliane  
Maura  
Miguel  
Vânia  
João Batista  
Diácono Ronaldo  
Padre Dionê

**Colaboradores:** Cônego Vidigal e Agentes Comunitários de Comunicação



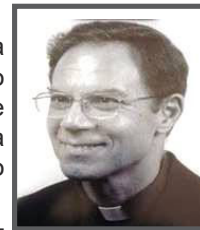
## Conclusão das Obras Ed. Padre Carlos dos Reis Baêta



## A Vida Consagrada (22)

Padre José Cassimiro Sobrinho\*

### A Formação dos Religiosos



A Formação dos Religiosos é de suma importância, tanto para eles mesmos, quanto para o Instituto e para a Igreja. Daí a necessidade de sua complementação, após o noviciado e a primeira profissão, bem como a formação permanente que os acompanha a vida toda.

Tal formação, que deve ser integral, estende-se a todos os Institutos e se refere à vida pessoal, comunitária, espiritual e apostólica dos religiosos. Para alcançar este objetivo, a legislação canônica deixa um amplo espaço de autonomia ao direito próprio de cada Instituto:

A complementação da formação dos religiosos, além de sua absoluta necessidade (1); programa e duração determinados (2); uma formação particular para os religiosos que se preparam para receber as Ordens sagradas (3); e uma preocupação especial pela qualidade e pela metodologia desta formação (4).

1- Por causa de sua absoluta necessidade, a formação dos religiosos deve continuar e completar-se, depois da primeira profissão, para que possam viver, com maior plenitude, a vida própria do Instituto, realizando sua missão de maneira mais eficaz. Para isso, não devem ser destinados, imediatamente após o noviciado, às obras apostólicas, mas, sim, à formação religiosa e apostólica, em casas adaptadas para este fim (cf. Decreto "*Perfectae Caritatis*", n. 18 § 1).

2- O programa e a duração desta formação ficam por conta do direito próprio, tendo em vista a necessidade da Igreja, as condições das pessoas e dos tempos e as finalidades do Instituto. É conveniente que esta formação dure por todo o tempo da profissão temporária.

3- A formação dos religiosos que se preparam para receber as Ordens sacras tem uma relevância especial. É regulada pelo direito universal e pelo plano dos estudos (*ratio studiorum*), próprio de cada Instituto Clerical. O direito universal está contido nos Código de Direito canônico, de modo especial, nos cânones 232 a 264, bem como nos cânones 1026 a 1049.

4- Tal formação deve ser sistemática e adaptada à capacidade dos membros, abrangendo todas as áreas da vida religiosa: espiritual e apostólica; doutrinária e prática, sendo que a espiritualidade é a base de todas as outras. Uma formação fragmentária e desorganizada seria totalmente ineficaz.

Sobre o caráter prático da formação, insiste o Papa Paulo VI: "Esta formação não deve ser simplesmente teórica, é necessário que seja completada com o exercício, a título de treinamento, de atividade e de encargos, conforme o caráter e as circunstâncias particulares de cada Instituto, de tal modo que os membros se insiram, gradualmente, na vida que deverão conduzir" ("*Ecclesiae Sanctae*", II, 36).

É oportuno que os religiosos adquiram títulos civis e eclesiásticos apropriados, de acordo com as oportunidades e exigências concretas. Deve-se dar preferência aos títulos eclesiásticos, cujo conteúdo é mais conforme ao estado religioso e clerical. Para isso, os Superiores enviem aos Institutos e Universidades Eclesiásticas jovens que mais se distingam pela índole, virtude e qualidades intelectuais (cf. cân. 819).

Para que esta formação ocorra, de modo eficaz, é necessário que os religiosos disponham de tempo e meios para isso. Os Superiores não lhes confiem cargos e compromissos que possam prejudicá-los durante este precioso tempo, que antecede a profissão perpétua. Depois desta, segue-se a FORMAÇÃO PERMANENTE, pois a vida cristã e, especialmente, a religiosa, cresce e se aperfeiçoa, durante a vida toda. Para isso, os Superiores devem proporcionar meios e tempo necessário (cf. cân. 661).

\*Doutor em Direito Canônico



# Aconteceu... Acesse... Curta... e Compartilhe

## Tríduo e Festa de São José



**Natalícios  
Padre Paulo e Padre Cassimiro**

**Setenário das Dores  
de Maria Santíssima**

